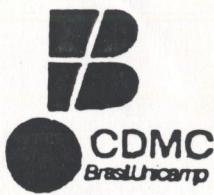


UNICAMP

P24.58

EVENTO:	Grupo inglês CandoCo
VEÍCULO:	O ESTADO DE SÃO PAULO
DATA:	28 jun 96
PÁGINA:	D8
SEÇÃO:	CADERNO 2



CandoCo ultrapassa barreiras do corpo

Grupo inglês, que tem dois bailarinos em cadeiras de rodas, inclui 'Trades and Trusts', coreografia do brasileiro Guilherme Botelho, em seu novo espetáculo

LAIS PIMENTEL
Especial para o Estado

LONDRES — Estreou semana passada em Londres o novo espetáculo do grupo inglês de dança contemporânea CandoCo. Formada por oito bailarinos, sendo dois em cadeira de rodas, essa companhia é internacionalmente respeitada por ter desenvolvido uma carreira em que as limitações físicas de alguns de seus componentes não são barreiras, mas sim estímulos para a performance. *Trades and Trusts*, uma das coreografias apresentadas na estréia de CandoCo no Royal Court Theatre, no sofisticado bairro londrino de Chelsea, foi encomendada pelo grupo ao coreógrafo brasileiro Guilherme Botelho.

A companhia se apresenta no Brasil, pela primeira vez, em novembro. Quem nunca viu CandoCo em ação e ouve falar de um grupo que tem bailarinos em cadeira de rodas fica tentado a sentir-se condescendente com o resultado do espetáculo. Só que as apresentações do CandoCo dispensam pena ou solidariedade dos espectadores.

No palco, o que se vê são bailarinos vigorosos e ágeis que encontraram na coreografia do brasileiro radicado na Suíça, Guilherme Botelho, uma ótima chance para mostrar sua capacidade artística. Com a coreografia *Trades and Trusts*, CandoCo trabalha com movimentos velozes e perigosos em que um bailarino depende do outro. A coreografia mistura dança, música e poesia num ritmo alucinante.

Parceria — Co-fundadora do grupo e uma das integrantes de cadeira de rodas, Celeste Dandeker contou como começou a parceria entre o brasileiro e o grupo CandoCo. "Eu e Adam Benjamin, o diretor artístico, assistíamos à performance de uma companhia de dança e estávamos entediados, prontos para ir embora, mas, de repente, começou um número coreografado por Guilherme e foi uma das coisas mais maravilhosas que eu já vi", conta Celeste. "Percebi que tinha passado todo o tempo sorrindo." Ela prossegue: "Entramos em contato com ele e finalmente acertamos tudo: *Trades and Trusts* estreou pela primeira vez em Portugal e já viajou por várias cidades da Europa, até agora com muito sucesso." Sobre Guilherme: "A companhia adorou trabalhar com ele, que criou um número divertido, emocionante, cheio de magia e doçura também."

A anglo-indiana Celeste Dandeker ficou quadraplégica, sem

movimentos nas pernas e parcialmente paralisada nos braços, por causa de um acidente no palco, em 1973. Ela estava muito resfriada, mas se sentia bem o suficiente para dançar. A coreografia exigia muitos saltos e foi num deles que ela caiu de queixo no chão, quebrando o pescoço.

A mulher que dá essa entrevista está presa eternamente numa cadeira de rodas, mas ninguém espere encontrar uma pessoa inferiorizada por isso. Ao contrário, como co-fundadora e integrante do CandoCo, ela deu uma saudável descompressão no ritmo até certo ponto previsível da dança moderna.

Em seu belo apartamento no norte de Londres, todo adaptado para sua condição, Celeste Dandeker explica como surgiu o CandoCo, cujo nome é uma abreviação de I Can Do Company (Companhia Eu Posso Fazer): "Eu e Adam dávamos aulas de dança abertas para profissionais ou não, até para os que estivessem em cadeira de rodas. Até que um dia uma aluna nos convidou para uma apresentação numa universidade. Daí foi tudo num crescendo, fomos convidados a dar aulas, apresenta-

ções aqui e ali e aos poucos tínhamos virado uma companhia de verdade, com administrador, repertório e em breve vamos ganhar um espaço especialmente desenhado para o CandoCo. A companhia está indo de melhor a melhor. O grupo é formado por pessoas muito fortes, comprometidas, teatrais e um pouco loucas também."

Caridade — Desnecessário tentar imaginar o que foi a adaptação de Celeste Dandeker à sua nova condição, mas, passados 23 anos e algumas crises profundas de depressão, hoje, além do CandoCo, Celeste Dandeker é uma das líderes do Aspire, uma organização de caridade que luta por melhorias públicas para os que vivem em cadeiras de rodas.

Por conta dessa instituição e do trabalho da companhia de dança, Celeste Dandeker viaja muito, tem a agenda sempre cheia e leva uma vida independente.

A companhia de dança CandoCo tem viagem marcada para o Brasil em novembro (o roteiro inclui Belo Horizonte, São Paulo e possivelmente Curitiba), depois segue para Malawi e ainda poderá desenvolver um trabalho com as vítimas de minas explosivas no Camboja. Depois de conhecer o trabalho realizado por pessoas como Celeste Dandeker e grupos como o CandoCo, é mais do que fundamental repensar o significado da expressão "deficiente físico".

Botelho busca energia no movimento

Coreógrafo brasileiro criou para CandoCo peça que faz balanço de uma relação emocional

LONDRES — Na última vez que a companhia de dança do paulista Guilherme Botelho se apresentou na Grã-Bretanha, um jornal escreveu o seguinte sobre seu espetáculo. "Vital, histericamente divertido, sexy e muito, muito como-

Corpo de Baile do Teatro Municipal de São Paulo, o hoje Ballet da Cidade de São Paulo, onde fiquei por dois anos. Finalmente, em 1982, eu vim como bailarino para o Grand Théâtre de Genebra.

Estado — Como foi sua trajetória de bailarino no Brasil e sua mudança para a Suíça?

Guilherme Botelho — Comecei tarde, com 15 anos. Eu era um garoto como outro qualquer, que gostava de fazer esportes, até que um dia eu fui assistir a um espetáculo do Oscar Araiz chamado *Cenas de Família* e foi aí que eu percebi que queria trabalhar com dança. Foi tudo muito rápido, na verdade. Estudei só um ano e, aos 17, já fazia parte do então

ELE FEZ PARTE
DO GRAND
THÉÂTRE DE
GENEVBRA

Estado — Mesmo com pouca experiência em São Paulo, você percebe alguma diferença na vida do bailarino no Brasil e na Suíça?

Botelho — Eu só trabalhei dois anos em São Paulo e era muito jovem. Naquela época, tinha aquele papo de "homem não dança", eu não podia contar para certos amigos meus... Mas acho que isso mudou muito. O problema agora é mais financeiro. Ou você faz parte de uma instituição que dá um salário ou, como no meu caso, tem-se uma companhia independente que vive da subvenção de empresas. Acho que isso não é muito comum no Brasil e talvez seja essa a grande diferença em relação à Suíça.

Estado — Quando você criou sua companhia de dança?

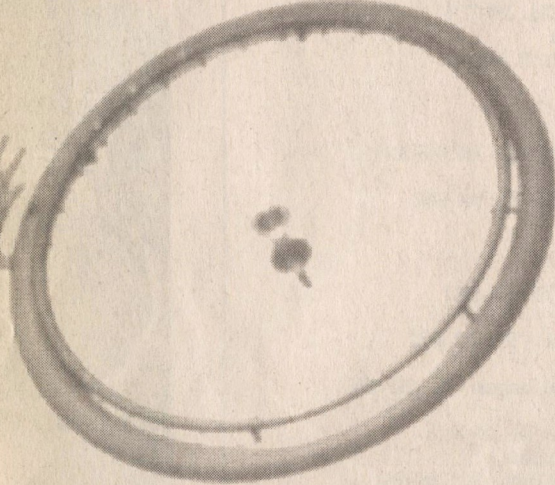
Botelho — Eu fiquei dez anos no Grand Théâtre de Genebra, mas, novamente, tudo ocorreu com tanta rapidez... Para ter uma idéia, só fui sentir falta do Brasil dois ou três anos depois que eu cheguei à Suíça. Eu não tinha tempo, parece que eu estava vivendo umas férias longas. Eu aprendi muito no Grand Théâtre, mas eu estava sempre muito insatisfeito, via a dança de uma maneira diferente da deles. Não estava muito de acordo. Em agosto de 1993, acabei criando a Alias, uma companhia cujo número de bailarinos varia muito, mas fica em torno de cinco e está sempre viajando.

Estado — E como foi trabalhar com o CandoCo?

Botelho — Eu hesitei um pouco, porque eu não conhecia o grupo e é muito difícil você criar uma coreografia se não conhece as pessoas. Mas deu supercerto, pois eles são muito abertos. Eu parti de um princípio: gosto de trabalhar com gente, não com bailarino. Bailarino é chato! O que eu gosto é de gente que tenha técnica para dançar. Nesse sentido, não houve problemas. Uma pessoa que está numa cadeira de rodas é alguém com sentimentos e problemas cotidianos como alguém que não está na cadeira de rodas. A coreografia *Trades and Trusts* faz o balanço econômico de uma relação emocional.

Estado — Você se inspira em algum nome específico do balé para criar suas coreografias?

Botelho — Não. O que me interessa é o ser humano. (L.P.)



CandoCo: apresentações dispensam pena ou solidariedade dos espectadores

